

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

A RELAÇÃO ENTRE DISCURSO E MODO DE VIDA
FILOSÓFICOS COMO SUPERAÇÃO DE SI EM PIERRE HADOT

RAFAEL BATISTA LOPES DE OLIVEIRA

UBERLÂNDIA / MG
2022

RAFAEL BATISTA LOPES DE OLIVEIRA

A RELAÇÃO ENTRE DISCURSO E MODO DE VIDA
FILOSÓFICOS COMO SUPERAÇÃO DE SI EM PIERRE HADOT

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Filosofia da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção
dos títulos de bacharel e licenciado em
Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Fillipa
Carneiro Silveira

UBERLÂNDIA / MG
2022

Rafael Batista Lopes De Oliveira

A RELAÇÃO ENTRE DISCURSO E MODO DE VIDA NA
FILOSOFIA ANTIGA COMO SUPERAÇÃO DE SI EM PIERRE
HADOT

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção dos títulos de bacharel e licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Fillipa Carneiro Silveira.

Uberlândia, ____ de ____ de 2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Fillipa Carneiro Silveira
(Orientadora - Universidade Federal de Uberlândia)

Prof. Dr. Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão
(Examinador - Universidade Federal de Minas Gerais)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial a Wander Batista de Oliveira, Dena Pereira de Souza, Marilene Batista de Oliveira e Maria José Batista de Oliveira por apoiarem meu sonho apesar das calúnias, difamações e demais obscuridades que são endereçadas à filosofia desde seu nascimento. Agradeço, emocionado, a Argentina da Conceição Batista de Oliveira que, desde meu nascimento, tomou como critério em sua vida me amar e me amou descriteriosamente.

Agradeço a Paula Martins Mello que topou viver uma vida pretensamente filosófica comigo, por mais materialmente dolorosa e espiritualmente engajada que demande.

Agradeço à UFU - equipe administrativa, pedagógica, de professores e de limpeza - pela assistência de moradia e fomento à pesquisa, além de proporcionar um ambiente acolhedor para a busca da sabedoria. Viva a educação pública de qualidade!

Agradeço ao IFILO pelo ensinar que não consiste na mera transmissão de conhecimento, mas na criação de possibilidade para que o eu seja. Principalmente, a Profa. Fillipa Carneiro Silveira não só pelas maravilhosas orientações, mas também juntamente a Northon Neves, Manoel Palhares e Bruno Novais pela integridade do debate e pelo exercício de dessubjetivação que é sempre angustiante, mas sempre necessário. Principalmente ainda ao Prof. Lucas Nogueira Borges que, em uma optativa pouco ofertada, me apresentou o início de meu objeto de estudo e, por conseguinte, a Língua Latina.

Agradeço ao ILEEL por ceder, ao IFILO e aos meus estudos, o Prof. Gilson José dos Santos que me ajudou com a Língua Portuguesa Brasileira, e ao referido professor que me ajudou, para além do institucional, com a Língua Latina sem medir esforços.

Agradeço ao Prof. João Bortolanza que faz também da aposentadoria momento de desenvolvimento e ensino da Língua Latina.

Agradeço ao CDF - equipe administrativa, pedagógica, de professores e de limpeza - por fazer da educação um processo transformador. Em especial, ao Prof. Kássius Kennedy que me convidou, em meio às sombras pandêmicas, para participar dessa instituição que se tornou, para mim, lugar de cultivo da luz emanada pelo pensamento crítico.

Agradeço à EE Antônio Carlos - equipe administrativa, pedagógica, de limpeza e de professores -, prioritariamente ao Prof. Ailton de Souza Gonçalves e a Profa. Maria Inês Fiuza pelo excelente estágio imerso em lições valiosas. Mais uma vez, viva a educação pública de qualidade!

RESUMO

A relação entre discurso e modo de vida na filosofia possui centralidade no pensamento filosófico de Pierre Hadot: seja na sua condição de historiador da filosofia, seja na sua maneira de conceber o ser humano. Assim, será feito o detalhamento da tensão dessas instâncias filosófico-categóricas no pensamento hadotiano de modo a exprimir a sua concepção de filosofia como maneira de viver. Para isso, serão utilizados principalmente os seguintes textos hadotianos: *O que é a filosofia antiga?*; *Wittgenstein e os limites da linguagem* e *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Esses textos são lidos com base nas indagações que se podem fazer diretamente ao tema, a saber: Por qual razão é problemático interpretar os textos de filosofia antiga sem circunscrevê-los no modo de vida? Como essa relação se dava? Como foi a formação do filósofo na Antiguidade? Por que e como a relação entre discurso e modo de vida foi divorciada no Medievo e reformulada na Modernidade e Contemporaneidade? Qual a influência, do ponto de vista da linguagem, permitiu a Hadot resolver o problema interpretativo dos textos antigos?

Palavras-chave: Modo de vida; Discurso Filosófico; Pierre Hadot

RÉSUMÉ

La relation entre discours et mode de vie en philosophie est centrale dans la pensée philosophique de Pierre Hadot : soit dans sa condition d'historien de la philosophie, soit dans sa manière de concevoir l'être humain. Ainsi, la tension de ces instances philosophico-catégorielles dans la pensée hadotienne sera détaillée afin d'exprimer sa conception de la philosophie comme manière de vivre. Pour cela, les textes hadotiens suivants seront utilisés : *Qu'est-ce que la philosophie antique?* ; *Wittgenstein et les limites du langage* et *Exercices spirituels et philosophie ancienne*. Ces textes sont lus à partir de questions qui peuvent être directement posées au thème, à savoir: Pourquoi est-il problématique d'interpréter des textes de philosophie antique sans les mettre au mode de vie? Comment cette relation s'est-elle déroulée? Comment s'est déroulée la formation du philosophe dans l'Antiquité? Pourquoi et comment la relation entre discours et mode de vie a-t-elle été divorcée à l'époque médiévale et reformulée dans Modernité et Contemporanéité? Quelle influence, du point de vue linguistique, a permis à Hadot de résoudre le problème d'interprétation des textes anciens?

Mots-clés : Mode de Vie ; Discours Philosophique; Pierre Hadot

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. DESENVOLVIMENTO.....	11
2.1 SOBRE A INSUFICIÊNCIA INTERPRETATIVA DO ESTUDO DA FILOSOFIA ANTIGA PELO PURO DISCURSO TEÓRICO NO PREFÁCIO DE <i>O QUE É A FILOSOFIA ANTIGA?</i>	11
2.2 A INCOMENSURABILIDADE E A INSEPARABILIDADE DA VIDA E DO DISCURSO FILOSÓFICOS NO CAPÍTULO 9 DE <i>O QUE É A FILOSOFIA ANTIGA?</i>	16
2.3 RUPTURA HISTÓRICA E SUBALTERNIDADE ENTRE O MODO DE VIDA E O DISCURSO.....	19
2.4 A INFLUÊNCIA DE WITTGENSTEIN NA CONCEPÇÃO HADOTIANA DE FILOSOFIA ANTIGA.....	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Pierre Hadot¹ encontra na filosofia antiga aquilo que se pode denominar de práticas de si que, sem se deixar absorver principal ou univocamente por uma exposição exaustiva de perspectivas metafísicas, são capazes também de preparar o indivíduo para lidar com seus próprios desejos e medos com vistas ao ideal. Assim, a ênfase não recairia na pura estipulação de *ideal ascético* - um estado cristalizado, predefinido e perfeito a ser alcançado pelo indivíduo - mas há de se considerar o processo de aperfeiçoamento constantemente atualizado em relação a sua condição presente. Nesse sentido, por meio de suas reflexões sobre a filosofia antiga, Hadot percebe uma modificação no fazer filosófico ao se comparar a Antiguidade com os períodos posteriores. Segundo Fábio Ferreira de Almeida:

Pierre Hadot talvez seja um desses pensadores a partir dos quais pode ser colocada novamente uma questão já velha: a questão da filosofia ela mesma, ou seja, o problema do lugar da filosofia diante, por exemplo, da história, da literatura, da ciência (ALMEIDA, 2011, p. 100).

Sendo assim, o filósofo francês se apresenta como crítico da maneira de se entender os movimentos filosóficos antigos como especulações meramente teóricas sobre o *Ser*. Para fundamentar isso, Hadot aponta o desassossego dos historiadores da filosofia com as obras antigas por elas conterem incoerências, falta de rigor e até mesmo contradições². Em suas palavras, “os historiadores modernos não cessam, pois, de deplorar as imperícias de exposição, as falhas de composição que se encontram em suas [dos antigos] obras” (HADOT, 2014a, p. 334). Isso acontece, para a perspectiva hadotiana, pela diferença com que modernamente se fez e se leu e contemporaneamente se faz e se lê o texto de filosofia ao se comparar como antigamente a obra filosófica fora feita e lida. A aflição desses historiadores acontece por eles analisarem as obras antigas como um francês típico que foi ensinado desde o nono ano do fundamental pelo seu sistema educacional “... a fazer uma dissertação bem

¹ Pierre Hadot (Paris, 21 de fevereiro de 1922 – Orsay 24 de abril de 2010) foi um filósofo, historiador e filólogo francês, especialista em Filosofia helenística e Platonismo. Ocupou-se com a noção de exercícios espirituais e filosofia a partir da Antiguidade greco-romana. Em suas investigações, dedicou-se à concepção de filosofia como maneira de viver, chegando a ocupar a cadeira de História da Filosofia Antiga no Collège de France. Hadot desenvolveu uma pesquisa extensa acerca da filosofia como exercício espiritual, recolhendo da própria tradição filosófica elementos que legitimem seu argumento. Assim, Hadot recupera, em sua obra, a ideia da filosofia como um modo de vida. Ele atribui um significado filosófico e não religioso ao termo “exercício espiritual” que consiste em uma prática pessoal e voluntária destinada a provocar uma transformação do indivíduo, uma transformação do *eu*.

² Hadot aponta como extremamente difícil seguir o fio das ideias nos escritos filosóficos antigos ao se comparar com as obras modernas e contemporâneas.

alinhavada, sem repetições nem contradições, com plano claro: o discurso filosófico dos Antigos não corresponde a esses critérios de ordem e clareza” (CARLIER, 2016, p. 9-10).

Com isso, pode-se inferir que ocorre, para Hadot, um duplo anacronismo ao se estudar as obras antigas à maneira tipicamente francesa, isto é, acreditar que, como muitas obras filosóficas da Modernidade e Contemporaneidade, elas são destinadas a comunicar informações referentes a um conteúdo conceitual determinado e que podemos também tirar diretamente delas informações claras sobre o pensamento e a psicologia de seus autores³. É por isso que devemos, segundo o filólogo francês, ler e interpretar a filosofia antiga recolocando-a “no grupo do qual ela emana, em sua tradição dogmática, em seu gênero literário e em sua finalidade” (HADOT, 2014a, p. 252). Em outras palavras, ressituar o texto antigo em seu contexto que se explica, sobretudo, na conquista e na formação de almas que necessitam da atenção do filósofo o qual discursa à particularidade que anseia pelo ideal ascético. Trata-se de moldar o discurso de acordo com a condição do interlocutor para que o engaje a viver filosoficamente.

Dessa maneira, o filósofo francês não propõe uma forma, dentre outras, de se interpretar o texto filosófico antigo, mas apresenta como ele realmente deve ser analisado ao negar a tradição estritamente teórica que, segundo Hadot, tem início com a escolástica e se perpetua predominantemente até a Contemporaneidade ao reduzir a amplitude da filosofia nascida na Antiguidade. Os filósofos antigos não são produtores de discursos que devem se opor aos outros pelo fato de um se colocar incontestável e logicamente *em si e por si* perante os demais, mas produzem discursos que visam gerar uma transformação cuja finalidade é a metamorfose do *eu* ao universal. Assim, o discurso antigo é considerado filosófico quando transmite uma vida filosófica que, por sua vez, não visa a mera teorização, mas a vivência da lógica, da ética e da física. Trata-se do discurso filosófico como *jogos de linguagem*, uma vez que ele se forma a partir de escolhas existenciais que, por isso, possuem inquietações e estados mentais específicos alheios à inconcretude da mera teoria⁴. É, portanto, uma postura radical e excludente da maneira como canonicamente deveria se pensar os filósofos e as correntes filosóficas antigas.

Mediante isso, a *filosofia como modo de vida* não é o esforço de formulação teórica, sobretudo; ela é o esforço de se viver filosoficamente. Por isso, o filósofo e filólogo francês escreve: “Não é possível, pois compreender as teorias filosóficas da Antiguidade sem levar

³ HADOT, 2014a, p. 16.

⁴ Para Hadot, *existência* se liga à produção que o indivíduo faz de si enquanto prática. Quer dizer, uma atividade estritamente pessoal e interessada. Assim, embora haja preocupações metafísicas de se justificar o Ser, a legitimidade da existência se dá primariamente pela concretude do modo de vida em suas práticas.

em conta essa perspectiva concreta que lhes dá seu verdadeiro significado” (HADOT, 2014a, p. 59-60). Hadot propõe que se repense a concepção de sistematicidade discursiva que se instituiu como forma de se fazer filosofia, uma vez que para os antigos “cada logos é um ‘sistema’, mas o conjunto dos logoi escritos por um autor não forma uma sistema” (HADOT, 2014a, p. 60). Quer dizer, cada discurso filosófico, para ser adequadamente entendido, deve ser analisado sob o crivo das intenções e condições de seus integrantes que exprimem um contexto e são especialmente existenciais.

Desse modo, para que se esclareça o pensamento de Hadot sobre a relação entre discurso e modo de vida na filosofia antiga e como ela propiciou a reconstrução filosófica de si⁵, pretendemos analisar a insuficiência reduzidamente teórica da filosofia antiga no *prefácio* da sua obra *O que é filosofia antiga?* e a construção do ser filosófico antigo pela tese da incomensurabilidade e da inseparabilidade da vida e dos discursos filosóficos no capítulo 9 de sua obra *O que é a filosofia antiga?*. Por meio disso, esperamos investigar se o filósofo francês não só fundamenta sua interpretação do que é a filosofia antiga a partir das correntes filosóficas antigas nos capítulos 3 ao 8, mas também se a coloca como guia interpretativo das alterações e momentos filosóficos do Medievo, da Modernidade e da Contemporaneidade. Não obstante, abordaremos como a filosofia foi reduzida no Medievo e tratada subalternamente no período Moderno⁶ e Contemporâneo. Consequentemente, se *O que é a filosofia antiga?* se torna mais do que um manual da história da filosofia antiga; é, principalmente, a maneira hadotiana de conceber a filosofia como possibilidade transformadora do humano, ou seja, como reformuladora e aprofundadora da percepção a ser considerada como filosófica. Por fim, vale a investigação se é a influência wittgensteiniana, situada na obra *Wittgenstein e os limites da linguagem*, que elucida, mediante teorização da linguagem, o caminho hadotiano à filosofia antiga como maneira de viver.

Além disso, ao se considerar ainda a relação entre discurso e o modo de vida na filosofia como ponto nevrálgico e frutífero para o entendimento do pensamento hadotiano e o estado dessa questão, filosofia como modo de existência, que se encontra em algumas pesquisas brasileiras, esse trabalho é uma base para projetos futuros, visto que Hadot é um

⁵ Utilizamos o termo *reconstrução* pelo fato de Hadot conceber o contato do indivíduo com a filosofia na Antiguidade em um estágio já construído de si. Com base nisso, o fazer filosófico da filosofia antiga, para Hadot, adquire o sentido transformativo de si: viver o bem raciocinar (lógica), o bem agir (ética) e a real natureza (física). Assim, ao perceber a filosofia, o aspirante antigo vê seu passado em um estado de alienação. A reconstrução filosófica é, então, a tentativa da parcialidade alcançar o universal, cuja consciência não lhe havia ocorrido e, por isso, : “O eu há de experimentar, assim, um duplo sentimento, o da pequenez, ao ver sua individualidade corporal perdida no infinito do espaço e do tempo, e o de sua grandeza, ao experimentar o poder de abraçar a totalidade das coisas” (HADOT, 2014c, p. 294).

⁶ Entendido como o período que parte do final do século XVI até início do século XVIII.

autor que mostra uma maneira de se pensar o texto filosófico cuja repercussão se fez pertinente desde a década de 80 até a atualidade e fomenta o debate nos mais variados campos da filosofia: ética, subjetividade, história, ciência, ensino e tradução. Com isso, a pretensão de explanar a leitura hadotiana da filosofia como aprofundamento da percepção do humano, isto é, conversão de si com vistas à filosofia vivida faz também desse trabalho e dos provenientes dele resistências aos anseios autoritários e antifilosóficos que atacam a educação e a filosofia no Brasil por serem propiciadoras existências democráticas⁷ e plurais⁸.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 SOBRE INSUFICIÊNCIA INTERPRETATIVA DO ESTUDO DA FILOSOFIA ANTIGA PELO PURO DISCURSO TEÓRICO NO PREFÁCIO DE *O QUE É A FILOSOFIA ANTIGA?*

Hadot, no início, afirma a escassez de obras que tratam sobre o que é de fato a filosofia; a marginalização da Idade Média pelos cursos acadêmicos de filosofia sob tom pejorativo de “trevas” e expõe brevemente a condição marcadamente teórica da filosofia na Academia, cuja finalidade se dá na construção de dissertações que sistematizam um autor com vistas a apresentar os problemas de sua teoria ou as reflexões que elas oferecem para um problema tido como filosófico - por ter sido colocado por outros filósofos sistematizados. Assim, o filósofo francês se opõe ao que para ele seria a convencional redução teórica da filosofia, denominando-a de “história das filosofias”, ao passo que seu intuito é fazer “história da filosofia”⁹. Como forma de se contrapor, mas sem retirar a necessidade de se analisar o discurso teórico¹⁰, Hadot escreve:

Na verdade, é estudando as filosofias que se pode ter uma ideia da filosofia. Portanto, a história da “filosofia” não se confunde com a das filosofias, caso se entenda por ‘filosofias’ os discursos teóricos e os sistemas dos filósofos. Ao lado da

⁷ Calier (2016) se refere à forma com que Hadot propõe o estudo da filosofia antiga como possuidora de princípios e exemplos que “... seriam úteis à democracia de hoje, sem que fosse necessário submetê-los a ‘atualização’ alguma” (CALIER, 2016, p. 11).

⁸ Vale salientar que a crítica hadotiana à forma, somente teórica, de se fazer filosofia nas universidades não é necessariamente uma tentativa de exclusão delas. Ela é a maneira pela qual se pensa o ofício filosófico para além dos muros do ambiente acadêmico.

⁹ Esses apontamentos acrescidos aos posteriores, insere Hadot na discussão não só sobre como se deve fazer história da filosofia, mas também sobre a relevância da história da filosofia para a filosofia. Isso acontece pela “história das filosofias” retirarem o elemento existencial do estudo filosófico.

¹⁰ Vale esclarecer que Hadot pensa “... a palavra ‘discurso’ no sentido filosófico de ‘pensamento discursivo’, expresso na linguagem escrita ou oral, e não no sentido, disseminado em nossos dias, de ‘maneira de falar que revela uma atitude’ (‘discurso racista’, por exemplo)” (HADOT, 2014c, p. 20).

história, há um lugar para o estudo da vida e dos comportamentos filosóficos (HADOT, 2014c, p.16).

Com isso, para o filósofo francês, *O que é a filosofia antiga* não se trata de uma construção tradicional da filosofia antiga, que perpetua a maneira de se fazer filosofia na Academia. Em outras palavras, Hadot não está preocupado com um esforço de sistematizar as teorias dos filósofos da Antiguidade a partir do conjunto de escritos deles. Diferentemente, trata-se do estudo da forma como o filósofo e os discípulos buscam a superação de si na história antiga, uma vez que esta maneira traz consigo o elemento existencial, o qual seria desconsiderado na abordagem estritamente sistemática.

A partir disso, Hadot continua:

Tenho a intenção de mostrar, em meu livro, a diferença profunda que existe entre a representação que os antigos faziam da *philosophia* e a representação que se faz habitualmente da filosofia em nossos dias, pelo menos transmitida aos estudantes por conta da necessidade do ensino universitário. Eles têm a impressão de que todos os filósofos estudados esforçaram-se sucessivamente para inventar, cada um de uma maneira original, uma nova construção sistemática e abstrata, destinada a explicar, de uma maneira ou de outra, o universo; ou pelo menos, caso se trate de filósofos contemporâneos, que eles procuraram elaborar uma nova discussão sobre a linguagem. Dessas teorias, que se poderia denominar ‘filosofia geral’, resultam, em quase todos os sistemas, doutrinas ou críticas da moral que extraem as consequências, para o homem e para a sociedade, dos princípios gerais do sistema e convidam, a partir disso, a fazer uma escolha de vida, a adotar uma maneira de comportar-se. Isso não entra na perspectiva do discurso filosófico (HADOT, 2014c, p. 16-17).

Nessa passagem, Hadot assegura que seu projeto é apresentar a origem¹¹ do significado que a palavra grega *philosophia*¹² possuía na Antiguidade. Esse significado não condiz com que comumente se pensa que ela tinha nem, ao menos, o significado de seu correspondente contemporâneo. O entendimento tradicional da palavra *philosophia* e, por consequência, da *filosofia* na Modernidade e Contemporaneidade estão atrelados, para Hadot, principalmente na estipulação da teoria filosófica e, após tê-la concluído, procura-se pensar a concretude da práxis depois dela¹³. Quer dizer, preocupa-se com a instância existencial após a formulação da

¹¹ Hadot pensa que se institui uma confusão por causa da diferença de concepção de filosofia entre Antiguidade e a Contemporaneidade. Mais especificamente, a forma de se fazer filosofia no contemporâneo passa a falsa impressão de que é equivalente à forma de se fazer filosofia no antigo ao se estudar contemporaneamente a Antiguidade filosófica.

¹² Hadot pode ser inserido, quanto à corrente sobre o surgimento da filosofia, ao Milagre Grego. O fato de os gregos terem cunhado uma palavra por meio de condições históricas que rompem com uma explicação unicamente mítica o faz definir o nascimento da filosofia na Grécia Antiga. Vale ressaltar, no entanto, que Hadot apresenta as variações de significado que *philosophia* e suas correlações possuíam anteriormente e até mesmo no momento socrático. Apesar disso, é a figura de Sócrates que institui um significado bem delimitado que a palavra adquire no período greco-romano. Cf. HADOT, 2014c, p. 15-89.

¹³ Hadot (2014a, p.336) expressa uma diferença situada na própria palavra grega *logos* enquanto discurso filosófico. O *logos*, no sentido de discurso filosófico, se ramifica em uma instância existencial que é a

teoria. Por isso, nessa perspectiva, a filosofia se dá, sobretudo, no abstrato cuja adequação prática pode até se perder nas sutilezas abstratas e obscuras dos conceitos. Isso absolutiza o pensamento filosófico na teoria, visto que unifica a intenção dos filósofos: especular a verdade. Assim, a filosofia é encarada como puro desvelamento teórico da verdade através dos textos de um filósofo, isto é, tradução perfeitamente discursiva do *ser* por meio da exegese textual do comentarista sistemático. Por conseguinte, as inconsistências lógico-conceituais de um texto antigo ou entre textos antigos de um autor são lamentadas e desconsideradas. Portanto, segundo o convencional, plasmar o *ser* teoricamente desnudado à vida é uma tarefa posterior e até mesmo contingente da filosofia, pelo fato de que o que realmente se deve levar em consideração é o esforço especulativo do ideal que antecede e possui primazia ao existencial.

Contrário a isso, Hadot escreve:

Penso que essa representação é um erro caso seja aplicada à filosofia da Antiguidade. Evidentemente, não se trata de negar a extraordinária capacidade dos filósofos antigos de desenvolver uma reflexão teórica sobre os problemas mais sutis da teoria do conhecimento, da lógica ou da física. Contudo, essa atividade teórica deve ser situada em uma perspectiva diferente da que corresponde à representação corrente que se faz da filosofia. Em primeiro lugar, ao menos desde Sócrates, a opção por um modo de vida não se situa no fim do processo da atividade filosófica, como uma espécie de apêndice acessório, mas, bem ao contrário, na origem, em uma complexa interação entre a reação crítica a outras atitudes existenciais, a visão global de certa maneira de viver e de ver o mundo, e a própria decisão voluntária; e essa opção determina até certo ponto a doutrina e o modo de ensino dessa doutrina. O discurso filosófico tem sua origem, portanto, em uma escolha de vida e em uma opção existencial, e não o contrário. Em segundo lugar, essa decisão e essa escolha jamais se fazem na solidão: nunca houve filosofia nem filósofos fora de um grupo, de uma comunidade, em uma palavra, de uma 'escola' filosófica; e, precisamente, uma escola filosófica corresponde, nesse caso e antes de tudo, a uma maneira de viver, a uma escolha de vida, a uma opção existencial, que exige do indivíduo uma mudança total de vida, uma conversão de todo o ser, e, finalmente, a um desejo de ser e de viver de certa maneira. Essa opção existencial implica, por seu turno, certa visão de mundo, e será tarefa do discurso filosófico revelar e justificar racionalmente tanto essa opção existencial como essa representação do mundo. O discurso filosófico teórico nasce, dessa opção existencial inicial e reconduz, à medida do possível ou por sua força lógica e persuasiva, à ação que quer exercer sobre o interlocutor; ele incita mestres e discípulos a viver realmente em conformidade com sua escolha inicial ou, ainda, conduz de alguma maneira à aplicação de um ideal de vida (HADOT, 2014c, p. 17-18).

Ora, vale salientar, novamente, a preocupação hadotiana para que o conceito de filosofia antiga da sua obra não seja erroneamente entendido como ausente de preocupação

ação concreta cuja expressividade é dada pelo *exercício espiritual* e em uma instância de estrutura formal-abstrata que se expressa no conteúdo inteligível cuja expressividade é dada pela idealidade lógico-metafísica. A obra de filosofia antiga, então, se faz pelo discurso que se direciona à condição prática do discípulo ou do próprio filósofo e pelo discurso que se direciona à ornamentação teórica. Cf. COLARES, 2015, p. 7-8.

abstrata, de modo a entender que os filósofos antigos não se esforçaram para engendrar teorias que explicassem abstratamente a realidade. Para Hadot, o esforço teórico é parte integrante da atividade filosófica antiga, porém não é *em si e por si* a atividade filosófica da Antiguidade. Assim, ele é animado por uma instância de origem que escapa às análises das “histórias das filosofias”: o modo de vida. Nesse sentido, como primeiro indício do modo de vida, Hadot evidencia Sócrates, senão já nos antecessores deste, como o precursor da filosofia que se pauta, antes de tudo, na escolha de se viver de um determinado modo para, em seguida, circunscrevê-la discursivamente. Trata-se inversamente do que a filosofia sistematizadora é, pois a escolha do modo de existência é condição inicial do fazer filosófico e não condição final, tampouco contingente. Por conseguinte, a escolha de vida, especificamente, consiste em: se colocar criticamente a outras existências, sentir o mundo de alguma forma e decidir viver conforme a isso. Eis o primeiro indício que faz da filosofia antiga uma escolha de se viver filosoficamente, sendo os três componentes que formam a escolha de vida e propiciam uma justificativa discursiva, não o contrário; não deve haver para os filósofos da Antiguidade pensamento discursivo puramente teórico, sem uma escolha de vida que o configure.

Como segundo indício, não é proeminentemente teórica a filosofia antiga uma vez que a atividade filosófica se dava pela confrontação e adequação às maneiras de se viver em sua escola. As escolas filosóficas eram espaços em que se exercia uma vivência filosófica. Regimes alimentares, de leituras, de meditações dentre outras atividades de existência tinham como finalidade metamorfosear o indivíduo: a reconstrução da personalidade era tarefa contínua em toda a extensão do fazer filosófico antigo. A existência de comunidade filosófica em todas as correntes da filosofia antiga faz do discurso filosófico elemento a ser constituído por meio das experiências inter-relacionais de um grupo marcadamente filosófico. É em contato com existências filosóficas¹⁴ que se decide viver filosoficamente e, por isso, faz-se o pensar discursivamente que vise transparecê-la e apoiá-la: a unívoca teorização, que caracteriza a sistemática filosófica, é estranha ao contexto prático do discurso na filosofia antiga. Por fim, o filósofo da Antiguidade é aquele que deseja viver a partir da visão de mundo que ele adquire em meio às demais que se colocam em seu grupo filosófico. O discurso filosófico se forma a partir desse ímpeto de se viver filosoficamente.

¹⁴ Utilizamos “existências filosóficas” pois Hadot acusou a ideia de filosofia, que se respaldara na figura de Sócrates, às escolas filosóficas da Antiguidade. Isso acontece pelo fato dessas comunidades serem: “... como um discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vida vinculado ao discurso” (HADOT, 2014c, p.49). Assim, o segundo indício diz respeito a comunidades filosóficas tais como estoicas, platônicas, aristotélicas, socráticas que as são pela relação entre modo de vida e discurso.

No entanto, a primazia da escolha de vida filosófica não se opõe ao discurso como se ele fosse uma instância absolutamente passiva, visto que ele age seja sobre o discípulo para conduzi-lo ou sobre o mestre para reconduzi-lo à atitude filosófica originária como também para justificá-la. Então: “Não se pode mais opor modo de vida e discurso, como se eles correspondessem respectivamente à prática e à teoria. O pensamento discursivo pode ter um aspecto prático à medida que tende a produzir um efeito sobre o ouvinte ou o leitor” (HADOT, 2014c, p. 20). Por isso, o discurso também é meio pelo qual se tem acesso e se sustenta a visão de mundo. Em suma, Hadot conclui:

Não se trata de opor e separar, de um lado, a filosofia como modo de vida e, de outro, um discurso filosófico que será, de algum modo, exterior à filosofia. Ao contrário, trata-se de mostrar que o discurso filosófico participa do modo de vida. Mas, em contrapartida, é necessário reconhecer que a escolha de vida do filósofo determina seu discurso. Isso nos leva a dizer que não se pode considerar os discursos filosóficos realidades existentes em si e por si mesmas, e estudar a estrutura independentemente do filósofo que as desenvolveu (HADOT, 2014c, p. 21).

Sendo assim, tratar a filosofia antiga somente como discurso teórico corresponde, para Hadot, a uma análise empobrecida e errônea, pelo fato de desconsiderar a existência concreta do filósofo que deve ser tida como ponto de partida para uma compreensão fidedigna do texto. A participação do discurso no modo de existência filosófica não é senão o traslado desta ao âmbito do discurso. Por conseguinte, Hadot menciona a noção de *exercícios espirituais*:

Uma noção aparecerá frequentemente nas páginas que se seguem, a de exercícios espirituais. Designo por esse termo as práticas, que podem ser de ordem física, como o regime alimentar; discursiva, como o diálogo e a meditação; ou intuitiva, como a contemplação, mas que são todas destinadas a operar modificações e transformações no sujeito que as pratica. O discurso do professor de filosofia pode, ademais, tomar a forma de um exercício espiritual, à medida que esse discurso se apresente sob uma forma tal que o discípulo, do mesmo modo que o ouvinte, o leitor ou o interlocutor, possa progredir espiritualmente e transformar-se interiormente. (HADOT, 2014c, p.21).

Apreende-se disso que os exercícios espirituais são de fundamental importância para a apreensão da existência do filósofo que produz discurso, uma vez que por eles se tem acesso à parte concreta do discurso que se liga a escolha existencial à situação existencial. Isso confere às práticas de existência centralidade na história da “filosofia”, pois elas descortinam o modo de vida, irrelevantes à história das “filosofias”. Tratar as teorias filosóficas como realidades *em si e por si* mesmas é considerar exclusivamente a parte do pensamento discursivo que se dá no abstrato. Consequentemente, ao tornar a estrutura formal do discurso filosofia, torna-a

também incompreensível, pois elimina o modo de vida que lhe confere significação. Portanto, para que seja feita a história da “filosofia” e se compreenda o texto filosófico, deve-se ater também aos *exercícios espirituais* do filósofo, pois é por meio deles que o filósofo concretamente engaja seu leitor, seu discípulo e a si mesmo à conquista do ideal de vida filosófica, estabelecido pela escolha existencial.

2.2 A INCOMENSURABILIDADE E A INSEPARABILIDADE DA VIDA E DO DISCURSO FILOSÓFICOS NO CAPÍTULO 9 DE *O QUE É A FILOSOFIA ANTIGA?*

Após fazer uma análise que parte dos pensadores gregos do século VI a.C até o neoplatonismo pós-plotiniano, Hadot se detém na tensão entre o discurso e o modo de vida filosóficos. Com base nisso, ele escreve:

Reconhecemos ao longo de nosso estudo, de um lado, a existência de uma vida filosófica, mais precisamente de um modo de vida que se pode caracterizar como filosófico e se opõe radicalmente ao modo de vida dos não filósofos, e, de outro, a existência de um discurso filosófico que justifica, motiva e influencia essa escolha de vida (HADOT, 2014c, p. 249).

Ora, Hadot dedica os capítulos 1 ao 8 de sua obra para situar os movimentos filosóficos da Antiguidade na relação entre discurso e modo de vida, evidenciando a insuficiência interpretativa da filosofia enquanto redução teórica dos antigos. Assim, como foi visto, é possível notar compatibilidade entre o discurso e o modo de vida na filosofia antiga, pois o discurso se dá a partir da escolha de se viver filosoficamente. Contudo, Hadot não nega incompatibilidade, uma vez que o discurso obedece também a critérios próprios que são estranhos ao modo de vida. Sobre a desmedida entre eles, o filósofo francês escreve:

Incomensuráveis, em primeiro lugar, porque, para os antigos, se é filósofo não em função da originalidade ou da abundância do discurso filosófico que se inventou ou desenvolveu, mas em função da maneira pela qual se vive. Trata-se, antes de tudo, de tornar-se melhor. E o discurso só é filosófico quando se transforma em modo de vida. (HADOT, 2014c, p. 250).

Com isso, ao se tomar somente o âmbito do discurso como parâmetro para se designar filósofo, a criação e a propagação dele se daria pela originalidade - criar um arcabouço conceitual ainda não apresentado - ou pela abundância - ocupar-se exaustiva e sistematicamente das problemáticas. Hadot percebe que não se denomina filósofo na

Antiguidade por se explicar o *Ser* de maneira inédita ou traduzi-lo minuciosamente, mas em vivê-lo. Trata-se, sobretudo, de como se vive; trata-se, por exemplo, do cinismo que mesmo reduzindo o pensar discursivamente ao mínimo nem por isso era considerado menos filosófico ou de estóicos que aceitavam a morte à renúncia de uma vida filosófica. Por essas atitudes existenciais que ambos se tornavam exemplos de filosofia, não sobretudo pelo teorizar. Paralelamente a isso, Hadot conclui:

Vida filosófica e discurso filosófico são incomensuráveis sobretudo porque de ordem totalmente heterogênea. O que faz o essencial da vida filosófica, a escolha existencial de um modo de vida, a experiência de certos estados, de certas disposições interiores, escapa totalmente à expressão do discurso filosófico (HADOT, 2014c, p. 251).

Para Hadot, não se pode assimilar completamente o discurso de um filósofo antigo a partir do próprio âmbito discursivo, uma vez que, como foi apresentado no *prefácio*, ele é criado por uma escolha de vida: uma complexa interação entre a reação crítica a outras atitudes existenciais e uma visão global sobre certa maneira de viver e de ver o mundo que o determina. Estudar um texto de filosofia antiga sem ferramentas necessárias para apreender o modo de existência que confere significação ao pensamento discursivo é altamente arbitrário. Para Hadot, as três experiências que se relacionam complexamente para se formar o discurso não são puramente “... da ordem do discurso ou das proposições” (HADOT, 2014c, p. 251). Por causa disso, compreender um discurso filosófico é mais do que conectar suas proposições, é também significá-lo no campo experiencial, que é diverso e difícil de se apontar pela própria obra. No entanto, apesar do discurso e da vida filosóficos não serem redutíveis um ao outro, eles são concomitantemente inseparáveis:

Incomensuráveis, mas também inseparáveis. Não há discurso que mereça ser denominado filosófico se está separado da vida filosófica; não há vida filosófica se não está estreitamente vinculada ao discurso filosófico. Aí, contudo, reside o perigo inerente à vida filosófica: a ambiguidade do discurso filosófico. Todas as escolas denunciaram o perigo que corre o filósofo, se imagina que seu discurso filosófico pode bastar-se a si mesmo, sem estar de acordo com a vida filosófica (HADOT, 2014c, p.251-252).

Nesse sentido, embora não possam ser avaliados em uma ordem de grandeza comum, há reciprocidade, visto que a correspondência entre eles é necessária para adjetivá-los de filosóficos. Pelo discurso filosófico se originar da escolha de vida filosófica e por ela se justificar através dele, não é possível dissociá-los inteiramente. Mediante isso, infere-se que um discurso que não nasce de uma escolha de se viver filosoficamente não se dá na filosofia

antiga e uma vivência que não possui algum tipo de justificativa discursiva não pode ser encarada como filosófica para a Antiguidade. Hadot elucida isso categoricamente ao apontar o anseio das escolas filosóficas antigas em se opor ao indivíduo que discursa levemente por imaginar que seu “... discurso filosófico pode bastar-se a si mesmo, sem estar de acordo com uma vida filosófica” (HADOT, 2014c, p.252). Logo, o rompimento do pensamento discursivo com a vida elimina a condição filosófica. A partir disso, Hadot complementa:

[...] a vida filosófica não pode passar sem o discurso filosófico, com a condição de que esse discurso seja inspirado e animado por ela. Ele é parte integrante dessa vida. Pode-se considerar a relação entre vida filosófica e discurso filosófico de três maneiras diferentes e por outro lado, estreitamente ligadas. Em primeiro lugar, o discurso justifica a escolha de vida e desenvolve todas as suas implicações: poder-se-ia dizer que é uma espécie de causalidade recíproca; a escolha de vida determina o discurso, e o discurso determina a escolha de vida justificando-a teoricamente. Em segundo lugar, para poder viver filosoficamente, é necessário exercer uma ação sobre si mesmo e sobre os outros, e o discurso filosófico, se é realmente a expressão de uma opção existencial, é, nesta perspectiva, um meio indispensável. Enfim, o discurso filosófico é mesmo uma das formas de exercício do modo de vida filosófico, sob a forma de diálogo com outrem ou consigo mesmo (HADOT, 2014c, p. 252-253).

Com base nisso, o filósofo francês expõe que, em filosofia antiga, o discurso é parte constitutiva da vida. O primeiro apontamento mostra que o discurso filosófico desenvolve as implicações do modo de vida pelo fato do discurso ser uma espécie de outro plano para o qual a existência filosófica deve ser transfigurada, é o plano da racionalidade. Deve-se compreender esse ser racional do discurso, em Hadot, por meio do esforço dos filósofos antigos em engendrar uma esquema totalizante da realidade que, por ser lógico, carrega consigo pressupostos, implicações e consequências decorrentes da opção de vida filosófica. A opção de vida filosófica, por sua vez, dá base para que o discurso filosófico seja produzido. O segundo apontamento apresenta a possibilidade que o pensar discursivamente possui de situar o filósofo em seu modo de viver e conduzir os outros ao modo de vida do filósofo. Essa força persuasiva se dá no discurso, visto que ele é um meio eficaz ao qual o filósofo recorre para expressar o caráter formativo, terapêutico, educador, psicagógico da filosofia. Noutras palavras, é o meio para se apresentar o exercício espiritual: a discursividade do pensar é um instrumento exitoso para que se provoque a mudança do *eu* com vistas ao ideal filosófico. Por fim, também é discursando filosoficamente que o filósofo vive de maneira engajada, uma vez que a linguagem se forma a partir da existência do filósofo. O diálogo consigo e com outrem como forma de meditação e aconselhamento, por exemplo, são maneiras de desempenhar o trabalho sobre si com vistas ao progresso espiritual. Essas práticas são voluntárias e pessoais,

uma vez que partem da reconstrução e aprofundamento da percepção propiciada pela escolha de vida filosófica. Por isso, os exercícios espirituais são inerentes ao modo filosófico de se viver¹⁵.

Desse modo, Hadot conclui que:

Na perspectiva da filosofia vivida que acabamos de expor, tomar consciência de si é um ato essencialmente ético, graças ao qual se transforma a maneira de ser, de viver e de ver as coisas. Ter consciência de si é ter consciência do estado moral no qual se encontra (HADOT, 2014c, p.284-285).

Portanto, os exercícios espirituais são um trabalho empreendido e voluntário sobre si cuja finalidade é a metamorfose da personalidade. Trata-se do indivíduo se perceber em atitudes falsas ao ser afetado pela filosofia vivida dos filósofos e, por conseguinte, esforçar-se para se ter uma existência verdadeira, que implica a mudança de si.

2.3 RUPTURA HISTÓRICA E SUBALTERNIDADE ENTRE O MODO DE VIDA E O DISCURSO.

O conflito entre esses dois âmbitos da filosofia, como apresentado, é acusado já na Antiguidade pela incomensurabilidade do discurso e do modo de vida. Porém, os filósofos antigos se colocavam coercitivamente quando se deparavam com um discurso que deteriorava o modo de vida filosófico. Assim, para Hadot, não foi na antiguidade greco-romana que se deu a ruptura histórica dessa relação tão fundante. O filósofo francês fundamenta isso ao investigar o cristianismo em seu surgimento como *cristianismo primitivo* e posterior instituição da doutrina cristã no período escolástico do Medievo. Hadot percebe a proposta de Cristo como algo estranho ao pensamento grego que funda filosofia antiga, a saber: o fim do mundo e o advento do reino de Deus. Isso se dá pelo fato de o cristianismo possuir como raiz, embora reformulada, o judaísmo¹⁶. No entanto, ocorreram numerosas tentativas de se misturar a filosofia grega e o cristianismo. Essa mistura só foi possível a partir da polissemia¹⁷ da palavra grega *logos*, que se faz presente nos textos judaicos e cristãos, como no prólogo do evangelho de João, e com centralidade na filosofia antiga, desde os pré-socráticos - como

¹⁵ HADOT, 2014c, p.259.

¹⁶ *Ibidem*, p. 333.

¹⁷ Hadot percebe que o *logos*, embora possua contornos particulares dado o contexto doutrinário ao qual se insere, possibilitou a conexão na medida em que diluiu sua carga semântica para que possibilitasse a incorporação de uma doutrina por outra que realmente seria a verdadeira.

Heráclito - até os filósofos romanos. Hadot ressalta, inclusive, que antes do surgimento do *cristianismo primitivo* já havia aproximações judaicas com a filosofia desencadeadas por esse elo. Por isso, foi possível ao judaísmo se apresentar como filosofia e, não obstante, possível também ao cristianismo, por meio de variados empenhos, se apresentar não só como filosofia, mas como *a* filosofia.

A partir dessa mistura, formou-se primeiramente doutrinas cristãs cujos pensadores, cada um ao seu modo, destoavam e reformulavam os textos basilares do cristianismo por meio dos textos filosóficos greco-romanos. Com isso, criou-se uma filosofia cristã como modo de vida: a incorporação dos exercícios espirituais, que são expressão da união tensionada entre discurso e modo de vida filosóficos das escolas da Antiguidade, pela teologia cristã. Em outras palavras, pôde-se ter uma filosofia cristã pelo fato de se preocupar, por intermédio da filosofia greco-romana, com o progresso espiritual cristão; eis a principal característica do *cristianismo primitivo*, o modo de vida monástico, isto é, a ascética cristã. Não obstante, é por meio também da palavra *logos* que os esforços apologéticos a partir do século II d.C intensificaram a construção teórica do cristianismo pelos textos greco-romanos de filosofia. Ao se remeter aos apologistas, Hadot escreve:

Os filósofos gregos, dizem eles, até aqui possuíram apenas frações do *Lógos*, isto é, elementos do Discurso verdadeiro e da Razão perfeita, mas os cristãos estão na posse do *Lógos*, isto é, do Discurso verdadeiro e da Razão perfeita encarnada em Jesus Cristo (HADOT, 2014c, p. 336).

Dessa maneira, para o pensamento hadotiano, operou-se “... especialmente¹⁸ na Idade Média, um divórcio entre o modo de vida e o discurso filosófico” (HADOT, 2014c, p. 356). A causa disso foi a subordinação da filosofia, como maneira de viver, à teologia cristã propiciada pelos esforços apologéticos e pelo posterior advento das universidades com a escolástica de modo que trataram os textos dos filósofos antigos não mais a partir de sua riqueza de exercícios espirituais, mas como arcabouços meramente teóricos a serem utilizados nas controvérsias da fé cristã perante o crivo da racionalidade. Isso marca o declínio da vida monástica e, por conseguinte, do cristianismo enquanto filosofia próxima à maneira grega antiga, uma vez que instituiu o método tradicional da redução discursiva da filosofia antiga. A

¹⁸ O emprego da palavra “especialmente” se dá pela incomensurabilidade entre a vida e o discurso filosófico. Hadot apresenta momentos em que o discurso se sobreponha à vida já na antiguidade greco-romana. Isso se explica por serem irreduzíveis (incomensuráveis) entre si. Porém, os filósofos antigos, ao se depararem com algum indivíduo que estivesse na iminência de operar tal divórcio, se lançavam criticamente contra, uma vez que a filosofia não deveria ser palavras descompromissadas com a efetividade da busca por uma vida verdadeira. Não obstante, a Modernidade e Contemporaneidade filosóficas, embora herdeiras do predomínio do discurso teórico, conservaram o modo de vida, tão importante para a concepção de filosofia greco-romana.

partir desse momento na história, então, a filosofia se subordina enfaticamente à teologia, tornou-se serva (*ancilla theologiae*) e, conseqüentemente, foi reduzida ao seu discurso lógico-abstrato carente de significação asceticamente concreta. Segundo Hadot, a filosofia greco-romana utilizada pelos apologistas e nas universidades medievais:

[...] se reduz ao discurso filosófico. O cristianismo apresentou-se a si mesmo, conforme vimos, como um modo de vida, o único modo de vida válido. Mas em face desse modo de vida cristão, por vezes tingido por nuances emprestadas à filosofia profana, persistem os discursos filosóficos das diferentes escolas, ou, mais exatamente, o discurso filosófico do neoplatonismo, pois a partir do século III d.C. o neoplatonismo é, como síntese do aristotelismo e do platonismo, a única escola filosófica que subsiste. É esse discurso filosófico neoplatônico que os Padres da Igreja, depois de Clemente de Alexandria e de Orígenes, hão de utilizar para desenvolver sua teologia. Desse ponto de vista, a filosofia será desde a Antiguidade cristã, a serva da teologia, uma serva que aduzirá seu saber-fazer, mas que deverá também adaptar-se às exigências de sua senhora. Haverá, assim, uma contaminação. Na Trindade, o Pai revertir-se-á bastante dos traços do primeiro Deus neoplatônico, o Filho será concebido sobre o modelo do segundo Deus de Numênio ou do Intellecto plotiniano. Mas a evolução das controvérsias teológicas conduzirá à representação de uma Trindade consubstancial. A lógica e a ontologia aristotélicas, que o neoplatonismo integrara, fornecerão os conceitos indispensáveis para formular os dogmas da Trindade e da Encarnação, permitindo distinguir natureza, essência, substância, hipóstase. E como recompensa, por efeito do refinamento das discussões teológicas, a ontologia aristotélica tornar-se-á mais aperfeiçoada e precisa (HADOT, 2014c, pp. 359 – 360).

Mediante isso, a filosofia fica encarregada de fornecer apenas o material teórico - lógico, físico e metafísico - que sua mestra necessita, não é mais crucial ao filósofo a prática da *ascese*. Conseqüentemente, à filosofia, não cabe mais considerar o *eu*, mas somente a elaboração sistemática para um auditório universalmente abstrato¹⁹. Nesses termos, a filosofia adquire “uma postura puramente teórica”²⁰, pois se encarrega somente de oferecer o fundamento conceitual para as pretensões daquilo que a domina. Os filósofos não são considerados por sua capacidade de conduzir leitores específicos a maneiras de se portar no mundo filosoficamente experienciado, mas por conterem, em seus discursos, recortes valiosos para sustentar uma verdade já revelada²¹. Assim, Hadot exprime a diferença entre o

¹⁹ Ora, “Os textos na Antiguidade não eram desenvolvidos para um público indeterminado, diferentemente dos construtos atuais, como é o caso dos artigos, por exemplo. A filosofia que neles transparecia destinava-se aos ouvintes e discípulos, em circunstâncias igualmente particulares, vez que os filósofos da Antiguidade estavam imersos na realidade, em contato com as necessidades daqueles que os acompanhavam, ou seja, de seu público enquanto participantes assíduos das escolas, nalguns casos acompanhando muito proximamente o modo de viver dos mestres” (VELOSO, 2021, p. 59).

²⁰ *Ibidem*, p. 363

²¹ Para Hadot, “A filosofia universitária encontra-se sempre na situação em que se encontrava na Idade Média, isto é, é sempre serva, por vezes da teologia, nas universidades nas quais acontece de a Faculdade de Filosofia não passar de uma Faculdade inferior à Faculdade de Teologia; por vezes da ciência; sempre, em todo caso, dos imperativos da organização geral do ensino ou, na era contemporânea, da investigação científica. A escolha de professores, matérias, exames, é sempre submetida a critérios ‘objetivos’, políticos ou financeiros, com muita frequência, infelizmente, alheios à filosofia.” (HADOT, 2014, p.365)

significado de filosofia na Antiguidade e o significado herdeiro do divórcio entre discurso e vida:

É necessário reconhecer que há uma oposição radical entre a escola filosófica antiga, que se dirige a cada indivíduo para transformá-lo na totalidade de sua personalidade, e a universidade, que tem por missão conceder diplomas, correspondendo a certo nível de saber objetivável... é necessário reconhecer que só há universidade por iniciativa de uma autoridade superior, que seja o Estado ou as diversas comunidades religiosas, católicas, luteranas, calvinistas ou anglicanas. (HADOT, 2014c, p. 365)

Com base nisso, o filósofo antigo só possuía condição filosófica se seu saber transformasse inteiramente sua condição existencial, sob pena de coerção caso não se adequasse àquilo que era proferido e fora escolhido para a vida. Diferentemente, no ambiente universitário, denomina-se filósofo aquele cujo discurso, e não seu modo de vida, atende a características objetiváveis de uma instituição reguladora. Hadot percebe a dominação do idealismo²² desde Hegel até o existencialismo; a concepção hegeliana de Estado, que submete a filosofia ao *telos* estatal²³, e o método estruturalista, que reduz a leitura filosófica à mera estrutura lógico-propositiva da obra²⁴ como contribuições modernas e contemporâneas para a concepção de filosofia como pura teoria²⁵. Portanto, a filosofia antiga, que foi o florescimento de atividades inter-relacionais por meio das quais se iniciava pela escolha de um modo de vida filosófico com a justificação dela pelo discurso, passou a ser interpretada através de critérios ‘objetivos’ que excluem essas práticas, por corresponderem à personalidade que confere significação concreta²⁶.

No entanto, pela influência da leitura dos escritos do filósofo polonês Juliusz

²² A contraposição que Hadot faz da concepção antiga com a idealista se dá por esta não ter como principal preocupação a transformação da personalidade à totalidade, mas a redução teórica ao se pautar somente no discurso abstrato.

²³ A concepção de Estado de Hegel tornar, para Hadot, a filosofia serva do Estado, pois a fundamenta na efetividade dele, ao passo que entre os gregos ela não carrega consigo tal finalidade pública: “Se a filosofia é a expressão racional da realidade total, se essa expressão se dá no sistema, o absoluto que caminha na história só pode manifestar-se como um sistema, cuja expressão mais lúcida e racional é a Constituição escrita. A Constituição costumeira é, nesse sentido, um momento de racionalidade imediata e imperfeito, apenas vivida, em si, ao passo que a Constituição escrita é o momento de expressão da vontade no pensar ou do direito no seu conceito. Ela é a forma do Estado racional” (SALGADO, 1996, p.415-417). Hadot vê isso como uma forma de embasar a imposição do Estado como autoridade universitária que deve submetê-la, ao passo que, entre gregos, a filosofia era uma arte particular.

²⁴ O método estruturalista, para Hadot, reproduz a redução teórica dos textos de filosofia antiga. De acordo com Moura (1988), a base estruturalista já tinha sido formulada por E. Brehier, em artigos de 1938, que definiu o historiador da filosofia como: “...alguém que buscava atingir as justificações que um autor dá de seu próprio sistema, as razões que fazem com que ele o tenha por verdadeiro: é apenas na ‘história interna’ que o historiador é fiel à ideia que o filósofo faz de sua obra, apenas na história interna se atinge a objetividade na interpretação” (MOURA, 1988, p.3).

²⁵ *Ibidem*, p. 364-366.

²⁶ É em meio à problemática dessa atitude pretensamente eliminativa da percepção nas ciências que Hadot cita Husserl e Merleau-Ponty que resgatam a concepção antiga da filosofia ao compreendê-la como tentativa de *reaprender a ver o mundo*, isto é, aprofundamento e transformação da percepção (HADOT, 2014a, p.314-315).

Domanski, Hadot considera que a experiência filosófica da Antiguidade conseguiu sobreviver:

Por vezes no próprio seio da instituição universitária, mais frequentemente em reação a ela e em meios que lhe são estranhos, como certas comunidades religiosas ou profanas, algumas vezes também de maneira solitária, certos filósofos, desde a Idade Média até nossos dias, permaneceram fiéis à dimensão existencial e vital da filosofia antiga (HADOT, 2014c, p. 366-367).

Como exemplos dos filósofos que promoveram essa permanência, ele aponta: Santo Inácio de Loyola, Montaigne, Descartes em suas *Meditações*, Espinosa, Rousseau, Schopenhauer, Wittgenstein, Kierkegaard, Marx, Nietzsche, Kant, Bergson, Merleau-Ponty, Husserl, Heidegger, entre outros. Esses são filósofos que, de acordo com o pensamento hadotiano, foram influenciados e perpetuaram em algum grau a maneira de se fazer filosofia na Antiguidade.

2.4 A INFLUÊNCIA DE WITTGENSTEIN NA CONCEPÇÃO HADOTIANA DE FILOSOFIA ANTIGA²⁷.

Hadot, em sua obra *Wittgenstein e os limites da linguagem*, expõe a influência wittgensteiniana em seu pensamento a partir de uma série de estudos dedicados à disseminação das ideias do filósofo alemão na França e na língua francesa. Assim, inicialmente, a obra *Tractatus lógico-philosophicus* ampliou o interesse hadotiano sobre a *mística*, que sua adolescência devota e seus estudos neoplatônicos o despertaram. O *Tractatus* o fez refletir sobre a relação entre *mística* e *lógica* endossada pela maneira de escrita aforística da obra, sobretudo em suas proposições finais.

Mediante isso, Hadot escreve:

Quando Wittgenstein identifica “indizível” e “místico”, não se trata nem de teologia negativa, nem de êxtase, mas de “sentimento”, e penso que para ele o “místico” é caracterizado precisamente por ser um sentimento, uma emoção, uma experiência afetiva (*Erlebnis* e não *Erfahrung*) que não se pode exprimir, porque se trata de algo estranho à descrição científica dos fatos, algo que se situa então na ordem existencial ou ética ou estética. Pode-se pensar, aliás, que quando Wittgenstein fala de místico, ele pensa na sua própria experiência (HADOT, 2014b, p. 14).

²⁷ O objetivo principal deste subcapítulo não é apresentar a relação ou falta dela da interpretação hadotiana com a canônica wittgensteiniana. Trata-se de mostrar brevemente como os textos do *Tractatus* e *Investigações Filosóficas* fizeram com que Hadot repensasse seu conceito de linguagem e de filosofia antiga.

Ora, não se deve, segundo Hadot, conceber os conceitos wittgensteinianos de *místico* e *indizível* como impossibilidade de se oferecer uma definição positiva para o *Ser* - somente acessível pela negação de toda sua criação e de todos predicados (teologia negativa) - nem por um estado de desprendimento linguístico de si e do mundo (êxtase). Trata-se da tentativa de exprimir pela linguagem os sentimentos que são *inefáveis* a ela. Para Wittgenstein, os seres humanos representam a realidade pelo pensamento que só é possível pela correspondência (*forma lógica*) entre a estrutura cognitiva e a realidade²⁸. Tem-se, assim, um fato quando se tem a forma lógica. Contudo, as proposições filosóficas carecem da forma lógica, pois se compõem de elementos dos quais os significados se encontram na inexactidão. Quer dizer, não se consegue exprimir clara e objetivamente, como é feita a descrição científica dos fatos, as experiências afetivas do ser humano.

Não obstante, Hadot se inquieta com o *Tractatus*, visto que mesmo por postular a necessidade da *forma lógica* como critério de sentido, o filósofo alemão a contraria ao se utilizar de proposições que são por ele definidas como contrassensos. Os contrassensos são tentativas de *dizer* as experiências afetivas do ser humano, por exemplo, noções como forma lógica, proposição, sentido, verdade que são irrepresentáveis por serem somente aquilo que torna possível o uso *representativo* e o *tautológico* da linguagem. A partir disso, há para Hadot, outros dois usos possíveis para a linguagem: o *contrassensual*, visto que "... a maioria das proposições filosóficas peca contra as leis da gramática e sintaxe lógica; elas contêm signos que não têm significado..." (HADOT, 2014b, p.33) e o *indicativo*, "Ele consiste inicialmente no fato que várias proposições mostram, ao mesmo tempo, algo que não pode se exprimir" (HADOT, 2014b, p.33). Nesse sentido, as experiências afetivas, no uso *contrassensual*, são *ditas*; no uso *indicativo*, elas são *mostradas*²⁹. Por isso, "a linguagem é, de algum modo, para si mesma, seu próprio limite. E é com esse próprio limite que a linguagem filosófica se choca" (HADOT, 2014b, p. 29). Por causa disso, sobre sua leitura do *Tractatus*, Hadot escreve:

Parece-me que todo o *Tractatus* pode ser resumido nesta fórmula extraordinariamente concisa: "O que se exprime na linguagem, nós não podemos exprimi-lo pela linguagem" (4.121). Ninguém jamais exprimiu tão clara e profundamente o que é preciso chamar de mistério da linguagem, que é idêntico ao mistério do mundo. Essa fórmula dirige tão bem o simbolismo lógico de Wittgenstein como seu "misticismo". No simbolismo não se pode exprimir por signos o que se mostra nos próprios signos. Não podemos representar o irrepresentável. É bem esse o sentido da crítica da linguagem que a filosofia deve

²⁸ HADOT, 2014b, p. 26-29.

²⁹ Respaldo por Colombo, Hadot define, no *Tractatus*, *dizer* como exprimir, isto é, representar algo e *mostrar* como manifestar algo irrepresentável. (Cf. HADOT, 2014b, p. 28-29).

ser. Quanto ao “misticismo”, ele corresponde à seguinte ideia: o inexprimível se mostra na linguagem; a essência da linguagem é, exprimindo o exprimível, visar ao inexprimível; não podemos exprimir o que *vemos* na linguagem; o sentido último da linguagem não pode se exprimir na linguagem. Sem dúvida, estamos *na* linguagem; essa situação é insuperável. Contudo, é no próprio seio dessa situação insuperável que se mostra a nós a Transcendência (HADOT, 2014b, p. 57).

Nesse sentido, o místico, embora estranho às descrições científicas, integra a linguagem. No entanto, não se pode *dizer*, mas *mostrar* o misticismo. Para Wittgenstein a forma lógica, por exemplo, se mostra na proposição, mas não pode ser representada por ela, apenas mostrada. As reflexões wittgensteineanas do *Tractatus* fizeram com que Hadot colocasse em dúvida o conceito de *linguagem pura*, que teria como finalidade apenas a representação de algo representável. Essa concepção de linguagem é pressuposta pelo modo de se fazer história das “filosofias”. Assim, os filósofos antigos não teriam como finalidade somente a descrição dos fatos da realidade, mas transmitir sobretudo o inexprimível discursivamente, que é sua forma de vida³⁰ “... ocorre que o que não pode se dizer pode, em certa medida, ser mostrado” (HADOT, 2014b, p. 29). Hadot pensa que a experiência afetiva, em sua irrepresentatividade intrínseca, faz com que a linguagem seja objeto de estudo sempre em alguma instância no *para si*, nunca absolutamente *em si*³¹. Isso não aponta para a impossibilidade de se compreender os textos filosóficos antigos, mas para a possibilidade de compreendê-los ao se ter em vista a necessidade de mostrar a forma da vida do filósofo pelo discurso e, ao fazer isso, cativar aqueles propensos à forma de vida.

A discordância entre Hadot e Wittgenstein do *Tractatus* se dá por este conceber o nascimento da linguagem filosófica como um mau uso da própria linguagem, pois dever-se-ia considerar o inexprimível como realmente inexprimível. Hadot pensa que o *Tractatus* é a tentativa wittgensteiniana de pôr fim à odisseia filosófica, caracterizada por conferir representatividade aos contrassensos. Assim, para o Wittgenstein de Hadot, a odisseia filosófica se dá não pelas proposições filosóficas serem falsas, mas por tratá-las como objetivas. Porém, Hadot não admite essa desconsideração da linguagem filosófica, uma vez que, para ele, toda linguagem tende a se tornar filosófica³². O filósofo francês considera, por isso, a linguagem filosófica como a tentativa de ultrapassamento dos limites linguísticos, que é a transcendência de *eu* das profundezas da parcialidade.

³⁰ Para Hadot, isso era feito conscientemente pelos filósofos antigos. Eles tinham muito mais noção dessa possibilidade de articulação linguística do que os modernos e contemporâneos.

³¹ Para Hadot, os filósofos antigos não discursavam para um “auditório universalmente abstrato” como se faz na filosofia enquanto redução teórica. Eles levavam em consideração - construíam seus discursos - de acordo com o indivíduo ou público a que se endereçaram.

³² HADOT, 2014b, p. 40-41.

Sendo assim, foi o contato com a obra *Investigações Filosóficas* que levou Hadot a definitivamente enxergar aquilo que o *Tractatus* o levava a esboçar pelo inexprimível: a filosofia como *jogos de linguagem*. Segundo Hadot:

A análise, que pode ser considerada revolucionária, da linguagem desenvolvida nas *Investigações Filosóficas* provocou então, devo dizer, uma reviravolta nas minhas reflexões filosóficas. Todos os tipos de novas perspectivas abriam-se também em meu trabalho de historiador da filosofia. Descobri bruscamente a ideia capital de Wittgenstein, que me parece indiscutível e de consequências imensas: a linguagem não tem como única tarefa nomear ou designar objetos ou traduzir pensamentos, e o ato de compreender uma frase está muito mais próximo do que se acredita daquilo que se chama habitualmente compreender um tema musical. Exatamente, não havia então ‘a’ linguagem, mas ‘jogos de linguagem’, situando-se sempre, dizia Wittgenstein, na perspectiva de uma atividade determinada, de uma situação concreta ou de uma forma de vida. Essa ideia me auxiliou a resolver o problema da incoerência aparente dos autores filosóficos da Antiguidade, que se colocava para mim e, aliás, para muitos colegas. Pareceu-me então que a principal preocupação desses autores não era informar seus leitores sobre um encadeamento de conceitos, mas formá-los... Portanto, era necessário ressituar os discursos filosóficos em seu jogo de linguagem, na forma de vida que os havia engendrado; logo, na situação concreta pessoal ou social, na *práxis* que os condicionava ou em relação ao efeito que queriam produzir (HADOT, 2014b, p. 10-11).

Por causa disso, em Wittgenstein, ele encontrou a solução do porquê os filósofos aparentemente se contradizem. Com as *Investigações Filosóficas*, Hadot percebe a resposta decidida do filósofo alemão, que já se esboçava no *Tractatus*, para a linguagem enquanto campo de expressão ético-estético: dos sentimentos, estados interiores e sensações do indivíduo. Mais especificamente, embora a linguagem seja sempre coletiva, dizer “eu sofro” não exprime o real sofrimento, que é de uma experiência pessoal, mas se trata de jogar um jogo social. Quer dizer, “eu sofro” é mostrar um certo jogo de linguagem pública e objetiva, sem a possibilidade de descrevê-lo³³.

Na visão hadotiana, portanto, é impossível dar sentido às teses dos filósofos sem situá-las no jogo de linguagem que as corresponde, visto que “a principal função da linguagem filosófica consistia em colocar os ouvintes desse discurso numa certa forma de vida, num certo estilo de vida” (HADOT, 2014a, p. 334). Para Hadot, não conhece a si e a realidade senão vivendo e, por causa disso, não se fazia teoria da lógica, mas pesava-se e falava-se bem; não se fazia teoria da física, mas contemplava-se o cosmos e, de mesmo modo, não se fazia teoria da ação moral, pois agia-se de maneira reta e justa³⁴. Cada jogo de linguagem funciona segundo a *forma de vida* que lhe é própria. Nesse segundo Wittgenstein, a possibilidade de linguagem perfeita até determinado limite apresentada no *Tractatus* é

³³ *Ibidem*, p. 69-70.

³⁴ HADOT, 2014a, p. 264.

abandonada. Eis, para Hadot, a possibilidade de transcendência da insuperabilidade discursiva: compreender a jogabilidade da linguagem e, ao invés de negá-la, mostrá-la. O ato filosófico por excelência situava-se no eu que vive, não no conhecimento formalmente rigoroso.

Dessa maneira, o fato de a filosofia antiga possuir um núcleo discursivo-teórico que apresenta alguma sistematicidade dá-se não primordialmente pela pretensão de explicar teoricamente a realidade, mas com vistas éticas e estéticas formativas para o indivíduo³⁵. É o esforço de alguma racionalização do modo de vida. As “teorias” dos filósofos antigos não estão especialmente a serviço da descrição de fatos, elas estão a serviço do modo de vida filosófico. Consequentemente, “as formas de vida serão irreduzíveis e os jogos de linguagem que correspondem a elas serão igualmente irreduzíveis uns aos outros” (HADOT, 2014b, p. 68).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível constatar que, no pensamento hadotiano, a relação entre discurso e modo de vida na filosofia antiga já era acometida pelo erro de se pensar a filosofia como mero discurso por causa da atitude coercitiva dos filósofos aos que se maravilhavam pela simples concatenação conceitual. Esse é o perpétuo perigo da filosofia, pode-se referir a ele como conatural, pelo fato de sempre pairar a crença de que se são filósofos “... porque desenvolvem um discurso filosófico, sobretudo dialético e lógico, técnico e brilhante, em vez de transformar seu gênero de vida (HADOT, 2014a, p. 337). No entanto, esse risco que era combatido com veemência na Antiguidade se torna a própria atividade filosófica com a ruptura histórica do Medievo e, por conseguinte, possui herança instituída: o filósofo se isola na seguridade do discurso ao invés de ultrapassá-lo no engajar de si e dos outros mediante a transformação radical.

Com base nisso, Hadot percebe que para se compreender um texto de filosofia antiga se deve atentar ao contexto vivo no qual obra antiga nasceu, isto é, “... pelas condições concretas da vida da escola filosófica, no sentido institucional da palavra escola que, na Antiguidade, jamais visou, prioritariamente, a difundir um saber teórico e abstrato” (HADOT, 2014a, p. 334). Isso não se caracteriza pela transmissão de informações, mas pela formação

³⁵ Segundo Hadot, “O discurso filosófico é sistemático não por desejo de obter uma explicação total e sistemática de toda realidade, mas para fornecer ao espírito um pequeno grupo de princípios fortemente ligados em conjunto, que adquirem com essa sistematização uma maior força persuasiva, uma melhor eficácia mnemotécnica.” (HADOT, 2014a, p.265)

integral do indivíduo; trata-se antes de uma relação viva entre pessoas, do que uma relação abstrata com ideias³⁶. Enquanto a submissão da filosofia a reduziu em suas técnicas escolares e procedimentos de ensino comandadas pela Igreja ou Estado ou Ciência, a filosofia antiga possuía vivacidade para se pôr ou se opor. Os escritos filosóficos da Antiguidade sempre se relacionaram em algum grau com a oralidade com vistas a gerar um efeito psíquico no leitor ou no ouvinte, levando-se, para isso, em conta a condição existencial deles como critério de construção do discurso.

Por isso, Hadot alerta que:

...é preciso se esforçar sempre, quando isso é possível, para reposicionar o texto estudado em sua perspectiva histórica. É extremamente importante não cometer anacronismos, no afã de dar ao texto um sentido atual. Quanto a isso, gostaria de evocar brevemente uma das minhas preocupações constantes na interpretação de textos, precisamente para evitar o anacronismo: o esforço de reposicionar as obras, tanto quanto possível, nas condições concretas em que foram escritas: condições espirituais, por um lado - isto é, tradição filosófica, retórica ou poética -, condições material, por outro - isto é, meio escolar e social, exigências decorrentes do suporte material da escrita, circunstâncias históricas. Toda obra deve ser reposicionada na práxis da qual emana (HADOT, 2016, p.93).

A exemplo disso, Moura (1988), ao apresentar a justificativa de E. Brehier que embasa o estruturalismo por afirmar uma certa estrutura essencial do pensamento filosófico pautada na exigência de cientificidade e de relevância filosófica que precederiam e fundamentariam o método estruturalista, questiona essa justificativa do seguinte modo: De onde vem essa dupla exigência e graças a que, exatamente, a história estrutural pode pretender ter algo a dizer para a filosofia, algo que livraria de antemão dos anátemas lançados contra a ‘filosofia dos professores’? (MOURA, 1988, p.4).

Ora, Hadot responderia a esses questionamentos ao apontar que essas exigências de cientificidade e relevância filosófica do estruturalismo são herdeiramente escolásticas e fortemente problemáticas à maneira filosófica antiga. O método estrutural em filosofia é desempenhado graças à nuance abstrata do discurso filosófico que, no entanto, extirpa a nuance concreta: um anacronismo tanto do ponto de vista espiritual quanto material. Não obstante, acusaria também essas exigências de excludentes da percepção, visto que o *eu* se perde nas pretensões puramente abstratas dessa “estrutura primária” apontada por Brehier, sendo reducionista até mesmo para as obras modernas e contemporâneas que conservam condições espirituais subalternamente. O resultado disso é a perpetuação da “filosofia dos professores” que possui como finalidade oferecer um discurso cujo silêncio da adequação ao

³⁶ HADOT, 2016, p. 78.

modo de vida pode ser ensurdecador. Para Hadot, portanto, a história estrutural mata a filosofia ao fazer dela conjunto de informações carentes de qualquer significação concreta.

Nesse sentido, constata-se também que a filosofia antiga era, então, uma maneira de se reconfigurar a existência a partir da filosofia, que se dava pelo modo particular com que o filósofo antigo encara a relação entre discurso e modo de vida. Assim, embora as correntes filosóficas antigas tivessem diferenças marcantes em suas escolhas existenciais, a similitude delas era de promover uma conversão filosófica. Segundo Hadot:

[...] a conversão filosófica é desenraizamento e ruptura com relação ao cotidiano, ao familiar, à atitude falsamente “natural” do senso comum; ela é retorno ao original e ao originário, ao autêntico, à interioridade, ao essencial; ela é recomeço absoluto, novo ponto de partida que transmuta o passado e o futuro. (HADOT, 2014a, p. 212).

Ora, a conversão filosófica se configura em discursos de consolação quando o destinatário está em condição de luto; de exortação quando é necessário estimular ao modo de vida filosófico e de cura quando é preciso sanar uma doença da alma. No entanto, não se deve ter isso como uma atividade acrítica, pelo fato desse aspecto fortemente formativo ter se dado pela reflexão sobre si e na inter-relação dos membros da própria escola e das outras. Em outras palavras, o filósofo antigo estava em confrontação contínua para se transformar: abandono daquilo que lhe foi natural ao que *é*, debates entre membros da escola que comumente dissidiam e com membros de outras escolas cuja dissidência era ainda mais robusta. Em meio a isso, para Hadot, a concepção da filosofia como maneira de se viver é sempre atual³⁷ e pode ser constantemente reatualizada, uma vez que não se trata de retornar às circunstâncias antigas. O filósofo francês questiona, inclusive, se há real sentido em se pensar o filósofo fora do compromisso imediato com vida filosófica³⁸. Assim, a árdua caminhada do filósofo que faz filosofia com sua vida é afirmada e sentida por Hadot durante sua exposição

³⁷ Ao final de uma comunicação em 1993 em que Hadot apresenta resumidamente seus esforços acadêmicos, o filósofo francês concebe a filosofia antiga como sempre pertinente ao ser humano por sua por sua essencial relação com a vida: “... aos meus olhos, o modelo de filosofia antiga é sempre atual, o que significa que uma busca da sabedoria é sempre atual e sempre possível. Não esperem de mim, nesta noite, que eu desenvolva esse tema difícil e complexo. Direi somente que há, parece-me, certas atitudes universais e fundamentais do ser humano quando ele busca a sabedoria; desse ponto de vista, há um estoicismo, um epicurismo, um socratismo, um pirronismo, um platonismo universais, que são independentes dos discursos filosóficos ou míticos que pretenderam ou pretendem justifica-los definitivamente. (HADOT, 2014a, p. 341).

³⁸ HADOT, 214c, p. 386.

sobre o tema da filosofia como modo de vida³⁹. Dignos são esses filósofos, ao menos, de respeito:

É fácil ironizar esse ideal de sábio quase inacessível e que o filósofo não chega a atingir. Os modernos não se privaram e não deixaram de falar “do irrealismo nostálgico e consciente de sua quimera”; os antigos, como o satírico Luciano, zombaram do infeliz que, tendo passado toda sua vida esforçando-se e em vigília, nem sempre alcançou a sabedoria... Ter-se-ia o direito de o fazer se os filósofos se tivessem contentado em tagarelar sobre o ideal de sábio. Mas se eles tomaram a decisão, prenhe de gravidade e de consequências, de preparar-se efetivamente para a sabedoria, merecem nosso respeito, mesmo que seus progressos tenham sido mínimos (HADOT, 2014c, p. 328-329).

³⁹ Na realidade, são todos os filósofos, mesmo os que orientam seu discurso em função da vida filosófica, que correm o risco de imaginar que, pelo fato de haverem dito uma coisa, e dito-a bem, tudo está resolvido. No entanto, tudo ainda está por fazer. A passagem do discurso à vida é um verdadeiro salto mortal, que dificilmente nos decidimos a ousar (HADOT, 2016, 147).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALMEIDA, Fábio Ferreira de. Pierre Hadot e os exercícios espirituais: a filosofia entre a ação e o discurso. *Revista de Filosofia Aurora*, [S.l.], v. 23, n. 32, p. 99-111, maio 2011. ISSN 1980-5934. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1750>>. Acesso em: 15 ago. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/rfa.v23i32.1750>.
- CARLIER, Jeannie. Introdução. In. HADOT, Pierre. *A filosofia como maneira de viver: entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold Davidson*. São Paulo: É Realizações, 2016. p. 7-14.
- COLARES, Lorrayne. Comentários sobre as relações entre discurso e modo de vida segundo Pierre Hadot. *É: Revista Ética e Filosofia Política*, vol. II, p. 174-192, Minas Gerais, 2015.
- DAVIDSON, Arnold. Prefácio à edição brasileira. In: HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014. p. 9-15.
- HADOT, Pierre. *Etudes de philosophie ancienne*. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2010.
- HADOT, Pierre. *Elogio da filosofia antiga*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de F. Loque e L. Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014a.
- HADOT, Pierre. *Wittgenstein e os limites da linguagem*. São Paulo: É Realizações, 2014b.
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014c.
- HADOT, Pierre. *A filosofia como maneira de viver: entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold Davidson*. São Paulo: É Realizações, 2016.
- MOURA, C. A. R. de. História Stultitiae e História Sapientiae. *Discurso*, [S. l.], n. 17, p. 151-172, 1988. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.1988.37935. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37935>. Acesso em: 21 out. 2022.
- REYES, MOLINA. Carolina. *A filosofia como exercício espiritual e forma de vida segundo Pierre Hadot*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2020. [manuscrito]
- RUIZ, Carlos Bartolomé. A filosofia como forma de vida: Pierre Hadot, a filosofia antiga e os exercícios (askesis) do espírito. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, Edição 461, p. 11-17, mar. 2015. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/461>>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- SALGADO, Joaquim Carlos. *A idéia de justiça em Hegel*. São Paulo: Loyola, 1996
- STEPHAN, C. L. Como não esquecer de viver o presente: um ensaio sobre a espiritualidade do amor. *Griot : Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 375–396, 2018. DOI: 10.31977/grirfi.v18i2.907. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/907>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

VELOSO, Marcelo Gabriel de Freitas. *A filosofia como exercício espiritual no pensamento de Pierre Hadot*. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, GO, 2022.